

O DESAFIO DE UM MARGINAL



«Democracia directa: Sócrates foi condenado à morte na Assembleia pela maioria dos cidadãos.»

António José Saraiva

A Europa-América fez sair recentemente um novo livro de António José Saraiva, intitulado *Maio e a Crise da Civilização Burguesa*, que os dizeres da banda da capa consideram «*fortemente polémico*». Nele, A. J. S. não fala aliás só do Maio francês, fala de tudo e mais alguma coisa. A propósito (ou não) da crise de Maio de 68, A. J. S. discorre em diversos capítulos completamente estanques (que tomam como objecto imediato quer Maio, quer a Lua, quer Adão) sobre a sua «maneira de estar no mundo». A. J. S., enfim, *situa-se*. Como se situa então, e ao longo destas autobiográficas páginas, A. J. S.?

Como um marginal, acima e para além de tudo como um marginal. A expressão de resto é sua, e emprega-a inúmeras vezes durante o discurso. A marginalidade é vivida por A. J. S. como um inefável e raro prazer, apanágio de poucos, privilégio só dos que conseguem «*ter sempre as retiradas seguras...*», como, *ele*. Evidentemente não empunha com gáudio ostensivo a bandeira da marginalidade, que não reconhece, em absoluto, como uma meta, um ideal acabado e legítimo. Dividindo as sociedades em de comunicação, de contróle e de domínio, ele preferiria a primeira, espécie de paraíso sobre a Terra em que ainda não aca-

bou de acreditar, mas como ela ainda não existe, escolhe ser um puro e impoluto marginal. Um ser à parte, que não se imiscui, não suja as mãos, tem horror aos grupos, aos partidos, à *ditadura das massas*, às maiorias e também às minorias, às ideologias, às ilusões transformadoras destes e daqueles (excepto às suas, que não o são), aos burocratas, aos cultos das personalidades, à contabilização (1) da vida pelos burgueses e pelos outros que também são burgueses, precisamente por isso, aos revolucionários incendiários, à classe média, aos *marxistas ortodoxos*, aos não ortodoxos, aos banqueiros liberais, aos liberais não banqueiros. Tem horror até a «*homens tão generosos como foram os vencidos de Praga*», os quais, coitados, não puderam eximir-se a ser tão tecnocratas como todos os outros. Horroriza-se piamente diante do yanqui «*grande, louro, bruto, que prostitui com os seus dólares uma velha civilização orgulhosa*» no Vietnam, mas treme perante a derrota dos americanos «*que mais ou*

(1) Atenção, leitor de A. J. S.: nove de cada dez linhas deste livro incluem, pelo menos uma vez, esta expressão, ou outras derivadas. Contabilizar, contabilização, contabilizadores são os «*abêtes-noires*» de A. J. S. Deve ter sido mau aluno de matemática no liceu, A. J. S....

menos secretamente admiramos e invejamos», vindo com esse revés posta em causa «a nossa concepção de 'Progresso'». Horroriza-se face à colectivização estatal dos meios de produção, que expropria os indivíduos e os coloca «sem defesa perante o Estado», mas admite repugnado que a propriedade conduz «à subordinação dos povos ao capital». Horroriza-se com a solidão das massas, dentro das quais «cada um continua só; o que há, na realidade, é uma colectividade de solidões» mas indigna-se contra a «maioria que se impõe numéricamente, numéricamente cilindrando e apagando como buldozeres o lume de alma que temos cada um».

Este horror generalizado e atrabiliário filia-se na coluna vertebral das concepções político-filosófico-sociais saraivianas, que assim se podem esquematizar: os que andam para aí a apregoar teorias, doutrinas de transformação, são todos iguais, e igualmente maus, porque todos eles (elas) assentam na predominância dos factores «materiais», com menosprezo dos «espirituais». Todos acariciam o «Progresso», cada um à sua maneira, quando é outra coisa que interessa, quando a salvação está algures... Burgueses e marxistas são assim igualmente desprezíveis para A. J. S., porque igualmente, mesquinamente, contabilizam a vida, os valores, as relações humanas e sociais. Mais, A. J. S. empenha-se abundantemente em demonstrar que o marxismo falhou, que não é nem pode ser revolucionário, que as suas análises são desmentidas pela prática, que os marxistas são tão burgueses como os mais. Esta demonstração faz-se em várias etapas:

1.º A recusa ideológica do marxismo, já que a transformação verdadeira da civilização e da vida nunca poderá ser entendida por ele, «que teve a ambição de compreender o contorno do 'objecto-homem', sem deixar ficar nada de fora (...) a não ser que consiga regressar ao impulso trans-racional donde partiu o sistema de Marx: a recusa da alienação». Mais: o marxismo é considerado uma doutrina caracteristicamente burguesa, porque «as suas teses são consequência do ponto de vista burguês que privilegia os factores económicos e mensuráveis da vida», donde se faz decorrer esta conclusão enorme — que «mesmo que aceitássemos, de graça, a afirmação de que o marxismo é a ideologia da classe operária, isso só confirmaria que a classe operária assimilou a mentalidade burguesa»...

2.º A invectiva fácil dos marxistas chamados «ortodoxos». Fácil, porque o era mesmo em Maio, e não só. Fácil, porque se escamoteiam as verdadeiras causas históricas, estruturais e conjunturais do fenómeno revisionista, confundido e apressadamente, quando é preciso, com o «marxismo» tout court.

Adiante-se que para espanto de quantos leram esta sua obra, A. J. S. parece mover-se particularmente à vontade nos círculos ortodoxos... Sempre que adequado, aparece no turbilhão da Paris revolucionada ou na lembrança fiel do escritor, um oportuno «ortodoxo», afigurou-se-me que sempre português, a dizer asneiras (as mais das vezes, asneiras mesmo para um «ortodoxo»), a dar a deixa para A. J. S. brilhar, como um debutante no teatro tem de se contentar

com lançar o monólogo do grande actor. Os «ortodoxos» de A. J. S. dizem as coisas mais incríveis, mais desconchavadas, e principalmente, mais convencidas. Mas têm o prémio merecido: A. J. S. esmaga-os a todos, metódicamente, um a um, com limpeza. Um deles, particularmente bisonho, Acácio de sua graça, se bem me lembro, até recusou discutir com A. J. S. sobre a eficácia do centralismo democrático (o que não fica nada mal a um ortodoxo, convenhamos...) e foi acompanhar umas pessoas de família que andavam a fazer turismo. A. J. S. suspira e desabafa com alegria mal disfarçada: «Deu nisto o 'marxismo'» (sic). Curiosa é igualmente a crítica (feroz, acentue-se desde já para descanso dos leitores) que A. J. S. faz da burocracia, a que dedica extensas páginas de densa prosa. Começa por separar a burocracia propriamente dita de uma tal clericatura, burocracia especial, exercida por um grupo suposto representante de uma suposta verdade «nele incorporada por um processo mais ou menos consciente de sacralização». A dita clericatura «representa e incorpora em nossos dias uma entidade ideológica a que se chama a Razão da História identificada com uma 'classe' definida também em termos ideológicos». Como não devem ter adivinhado, adianto que a tal clericatura não vem a ser outra senão a ditadura do proletariado, melhor, a ditadura do proletariado é uma «noção» (sic) que legitima a clericatura, assim como é a vontade popular que legitima a burocracia *stricto sensu*, apátnio das sociedades burguesas ocidentais. E, claro, a ditadura é sempre exercida pelos aproveitadores-agentes da clericatura e não pelo proletariado. Sobre as razões económicas, políticas e sociais da formação e autonomização das burocracias, quer revisionistas quer burguesas, nem uma palavra. As «noções», hábilmente jogadas, explicam tudo.

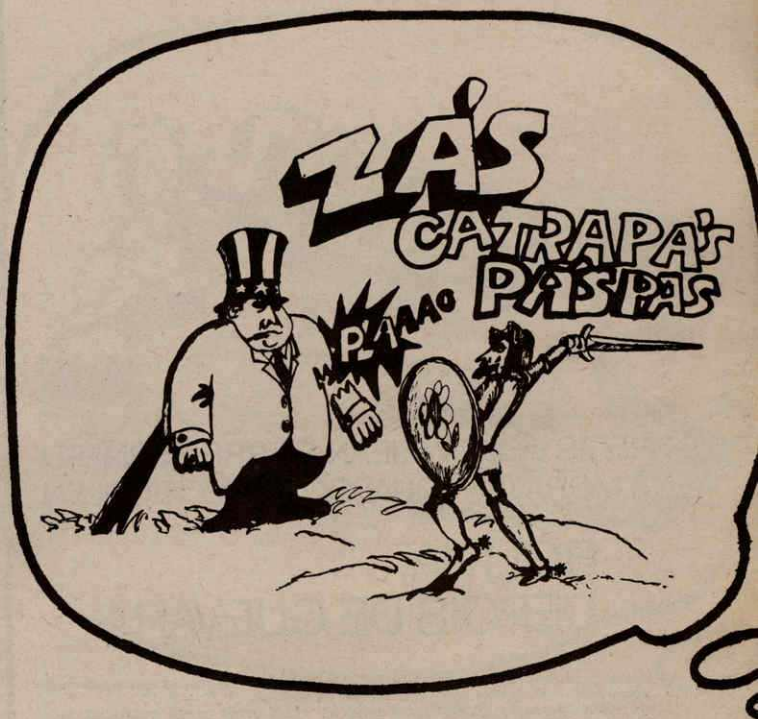
3.º Sobre os não «ortodoxos», A. J. S. debruça-se pouco e mal. Limita-se a lembrar aqui e além, quando teme que um seu leitor mais desprevenido, por exclusão de partes comece a simpatizar com eles, que são todos iguais. O raciocínio é: atenção, os ortodoxos não prestam porque têm os defeitos dos ortodoxos, mas isto não quer dizer que os não ortodoxos possuam as virtudes respectivas!

Pelo contrário, até são arruaceiros perigosos, e fizeram A. J. S. espumar de pura e nobre raiva aquando de uma patética cena que nos narra e em que os energúmenos lançaram fogo a uma barricada. A. J. S. atirou pela janela baldes de água na fervura, mas os díscolos retrucaram-lhe com pavés, porque queriam fazer arder não sei o quê, os pequenos Neros! Perante a impotência da sua pobre água de marginal, A. J. S. arenga com veemência contra «a máquina que mexendo-se-lhe num botão esmaga a gente que passa e que grita. É injusta esta espécie de máquina humana, a centopeia negra, de milhares de botas, inumanamente mascarada como os cavaleiros teutónicos, que avança ritmicamente, mecânicamente». E aproveita para esclarecer, talvez transportado pela beleza das chamuscas, em breve extintas aliás, devido à pertinente chegada dos C. R. S. («Um alívio!») que «justiça como sentimento

é interioridade. Rebelar-se contra toda a imposição exterior». Noutro passo esclarece que os revolucionários passaram toda a crise a «prégar aos peixes», porque não perceberam nada das Revoluções que se estavam a passar, e ele, A. J. S., compreendia, e sabia portanto que «nada tinham a ver com a luta de classes»... E a sua desconfiança em relação aos guerrilheiros que, um pouco por toda a parte, tentam impor o que ele classifica da civilização camponesa em oposição à ocidental civilização urbana, leva-o a suspeitar «se o regresso [porque, segundo A. J. S. de um regresso se trata, ia-me esquecendo de dizer!] à civilização camponesa não será apenas recomeçar o ciclo, se aquela civilização terá outra ambição que não seja apropriar-se do tesouro acumulado pela tecnologia nascida da civilização burguesa». Põe a dúvida e não responde, deixando a insidiosa questão a pairar, numa espécie de cumplicidade familiar com o leitor «civilizado».

Para além das divagações anti-marxistas, frequentes e sempre estribadas em critérios de análise, como se tem visto, perfeitamente idealistas e aribtrários, que propõe A. J. S.? Em suma, que faz correr A. J. S.? Assim como muita e variada coisa o horroriza, A. J. S. gosta de muita coisa. Tudo o que seja expontâneo, idealista, desregrado, inconvençional, novo, inocente, belo, original, incompreensível, marginal — a todo este amálgama, a toda esta brilhante e heterogénea girândola de atitudes, pessoas, gestos, movimentos, A. J. S. se rende embevecido. A. J. S. é a criança grande que quer brincar à cabra-cega e não tem vergonha nem peias, mas brincar sempre e sempre, até não ter mais forças, até cair no chão de exausta e feliz. «Viva a espontaneidade, viva o homem, vivam os homens e as crianças e os adolescentes — tudo o que está vivo!» Para A. J. S. o que lhe interessa da «Revolução» é qualquer coisa assim como uma festa, ou um circo cheio de luz, cor, barulho, em que as pessoas estão atordoadas, como que embriagadas, mas repletas de gozo transbordante. Um arraial minhoto, com umas pitadas de intelectualidade, neste caso marcusianismo de montra de drogaria, e muita juventude. Ah, a juventude... (aquela juventude de que o Trindade Coelho falava com saudade, coimbrã, irreverente, «jovem»!) E temos um desbragamento de «revoluções», incontidas, torrenciais: «Revolução contra o isolamento que nos impede de falar ao vizinho, ou de pedir um cigarro ao desconhecido da esquina. Revolução contra a participação individual. Revolução contra a obrigação de fazer o nosso «papel», de nos «pormos no nosso lugar». Revolução contra o vós e contra o tu desnaturado. Revolução contra a submissão à maioria. Revolução para que cada um não tenha medo da opinião maioritária. Revolução no amor. Para que se evaporem os venenos da vida a dois. Para que cada um seja disponível»... E assim por diante. Revoluções e mais revoluções — é um fartote.

Em face do «socialismo burguês», A. J. S. embora reconhecendo-lhe os méritos, mostra-se finalmente reservado, como de resto em relação a tudo o que existe, e exija comprometimento. Oíçamo-lo: «O 'socialismo burguês' será muito mais perfeito. Nele a legalidade



coincidirá exactamente com a racionalidade. O ideal da igualdade quantitativa será matematicamente realizado. A dominação relativa do homem pelo homem será substituída pela dominação absoluta do homem pelo feitiço do homem. Tudo se fará por mediação da lei; não haverá mais lugar para relações particulares, imediatas, afectivas. Tudo será abstracto». Como se vê, a análise paira muito acima dessas coisas mesquinhas que são as estruturas económicas e sociais, as relações de classe, as organizações e os enquadramentos políticos: A. J. S. manipula «noções» e o malabarismo é de um virtuoso. Mas igualmente se terá reparado que, embora manifestando a sua preferência pelo socialismo burguês em relação às sociedades de dominação eclesial (quer dizer, a ditadura do proletariado), A. J. S. coloca naquele algumas (mas decisivas) reticências. Porque A. J. S. quer a comunicação, e o socialismo burguês, o pobre, sendo embora «a sociedade perfeitamente igualitária» é contudo «o contrário da sociedade comunitária». E sem comunicação, nada feito. Mau grado os seus méritos, o socialismo burguês é, pois, regeitado corajosamente por A. J. S. E A. J. S. fá-lo sem reboço, com determinação, pois acredita que «se queremos ser, temos de escolher, temos de escolher a convicção de que isso depende de uma afirmação voluntária. Se, pelo contrário, acreditamos no encadeamento histórico «necessário», independente da vontade humana, em que só contam os factores ditos «materiais», já por aí aceitamos a primazia do objecto e cavamos, por nossas mãos, a cova onde nos vamos enterrar». Os moinhos contra os quais A. J. S. investe são, pois, como já certamente perceberam, o encadeamento histórico necessário, os factos ditos materiais («ditos», mas A. J. S. não nos elucida se serão mesmo

RÉGIS DEBRAY*JEAN-PIERRE BERNARD
A.MORAVIA*EDUARDO HARO TECGLÉN

BOLÍVIA, DEPOIS DE GUEVARA

Volume 31 dos CADERNOS DOM QUIXOTE que seleccionam por assuntos os mais significativos artigos publicados nas mais importantes revistas internacionais.
EM BREVE: REGALIAS EXCEPCIONAIS PARA OS ASSINANTES DESTA COLEÇÃO. Peça informações a P. D. Q., Rua Luciano Cordeiro, 119, LISBOA.

publicações dom quixote



— fiquei cá a pensar...) a que contrapõe a «*afirmação voluntária*» do desejo de *comunicar*. A. J. S. no entanto, «*realista*» apesar de tudo, depõe um instante a lança do batalhador incansável, do Lancelot do Ideal, e admite ser a realização da sociedade igualitária burguesa uma fase historicamente «*necessária*» (estou a ver A. J. S. córar ao fazer esta concessão...) na evolução para a tal «*comunidade de irmãos*». Admite. Mas é aqui, precisamente, que «*intervém o problema da subjectividade*», é aqui que os homens hão-de querer, ou não, independentemente dos tais factores «*ditos*» (fiquei cá a pensar...) materiais, *virar irmãos*. É pois também aqui que A. J. S. pára, consciente de ter feito o que podia. Agora são as pessoas que têm que decidir se hão-de (ou não), pregar uma grandecíssima partida nos factores (ditos!) materiais. Era bem feito! Entretanto, A. J. S. não pode coibir-se de emitir o seu prognóstico: presente «*como um bicho*» que «*a meteorologia vai mudar*». E então «*as ideologias não resistirão mais que castelos de areia*». Vai ser o bom e o bonito...

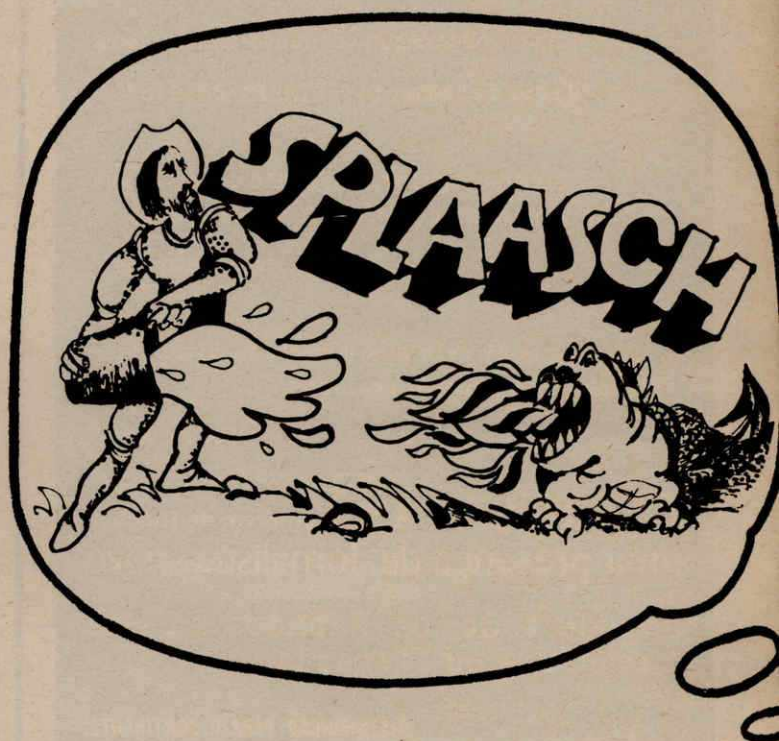
É verdade, A. J. S. aprecia o diálogo. Como é de bom tom; e até os marginais não se podem sempre esquivar às modas, aos gostos das maiorias!... Entrevê-se que, para o escritor, o diálogo é qualquer coisa como a prefiguração (nebulosa) da *comunicação* tão almejada, assim como uma pacata reunião de família onde cada um faz o que lhe vem à cabeça mas ninguém se zanga. A. J. S. vai ao ponto de afirmar que «*no fundo, as barricadas foram uma maneira de provocar o diálogo*», e deixa-se claramente embriagar pelas próprias palavras (perdoável num idealista) ao adiantar que «*o diálogo esteve sempre subjacente, mesmo com os C. R. S. (?)*». E já que se fala de Polícia, assinale-se que o autor, circunspecto, guarda-se de cair na armadilha fácil de dizer mal dela, o propósito do Maio parisiense que viveu, pelos vistos, tão intensamente... Os *voyous* são *voyous* porque atiram pedras e lançam fogo às coisas — o resto é paisagem, em que A. J. S. não julga. Acentua mesmo algures que é «*absurdo*» acusar a polícia assim como o «*conjunto burguês*» de agir pela força, porque «*desde o momento em que se escolhe a violência aceita-se a violência*». O diálogo tem destas peculiaridades difíceis de penetrar para os não-iniciados.

Mas não tema o leitor de A. J. S. que A. J. S. o vá deixar desorientado, a apalpar trêmulamente se quioso os contornos vagos daquela «*comunicação*» que é apontada como salvação, A. J. S., zeloso dos seus deveres, não se esquivava a apresentar a sua receita. Com aquele rigor a que nos habitua através das duzentas páginas desta obra, A. J. S. esclarece-nos que «*Só por outra via [que não sejam as revoluções ou outras quaisquer soluções políticas] se pode esperar uma transformação da civilização e da vida. Só de uma semente nova que os sindicatos, os partidos, as instituições, as ideologias estabelecidas, não conhecem. Ela germina na arte, nas formas profundas,*

(?) Para os leitores menos avisados destas coisas, lembra-se que os C. R. S. são os polícias de choque franceses.

intersubjectivas, não racionalizadas, das relações entre as pessoas. Não nos traz um melhoramento, um acréscimo, um progresso em relação ao que está, mas outra coisa que ignoramos, ou de que nos tínhamos esquecido. Está no miolo de manifestações que nos parecem aberrantes porque estão fora daquela realidade contabilizável que o Burguês de qualquer classe se habituou a considerar como a única que existe». E cita a seguir como percursos da sua vida, Francisco de Assis, Tolstoi, Ghandi...

Depois deste ameno escaparate do último livro de A. J. S., não me posso furtar a algumas considerações mais sérias, que tentem esquematizar o significado mais profundo da obra. As três principais características desta *definição* política de A. J. S. são: o irracionalismo, a incompreensão da realidade história, e *gaffes* surpreendentes no domínio dos factos históricos. O irracionalismo decorre do não emprego por A. J. S. de um método de investigação ou exposição teóricas. A. J. S. diz que *sente* as coisas, que as *adivinha* «*como um bicho*», não reconduzindo as suas concepções a esquemas racionais, certamente discutíveis, de apreciação. As suas propostas, visões, conceitos, são perfeitamente subjectivos — e ele confessa-o. Nesta medida, a crítica do seu livro é demasiado *fácil*, ou talvez difícil. Todos os malabarismos são possíveis, todas as manipulações viáveis, se uma pessoa se determina, na análise social, pela «*meteorologia*»... A crítica que se faça, portanto, às concepções que A. J. S. expende, corre o risco de se tornar em requisito meramente pessoal, pois A. J. S. só a si se representa, só aos seus sonhos, tão arbitrários como os sonhos de qualquer pessoa, se identifica — o que talvez não valha muito a pena (a crítica e os sonhos). Mas os sonhos, ainda assim, *mostram* qualquer coisa, pelo menos tendencialmente. E neste caso mostram um burguês que não quer sê-lo, que «*resolveu*» deixar de o ser *porque sim*. Que tem consciência (difusa, desfocada, embora) das contradições da classe a que pertence, especialmente a nível superestrutural, o que é sintomático, as quais não consegue superar porque o (como *nos* e como *lhes*) transcendem, e só são superáveis através de opções certamente (em casos como o seu) individuais, mas não individualistas, opções que se estribem em concepções e análises científicas do devir do real, e o assumam corajosamente. E isto qualquer que seja o caminho que se venha a tomar — e aqui não há as *boas* e as *más* opções, há as que estão de acordo (e se inserem, enquanto a compreendem e, portanto, *estádio superior da compreensão*, a modificam) com a realidade política e social e suas fracturas fundamentais, e se não estão, querem escamotear o real e não são opções, são mistificações, e, logo, *más*, ainda que «*generosas*»... Para *deixar de se ser burguês* («*não haverá alternativa para o ser burguês?*», grita, a certo passo, A. J. S.) o autor só lobriga a marginalidade, a fuga a toda a responsabilidade social, as mãos limpas. *Digo que não sou burguês, logo não sou burguês*. Atitude perfeitamente conservadora, como todas as opções «*individualistas*» e, já se deixa ver, também totalmente inútil, já que não atinge, antes agrava, os objectivos



pretendidos. A mais veemente acusação elevada contra o apelo feito pelo autor para que as pessoas (*todas as pessoas*), «*resolvam*» contrariar a evolução necessária da história sem ter em conta os factores a que A. J. S. chama de «*ditos materiais*». Este desafio de um marginal (*fatalmente* irracionalista, porque marginal) está, pois, de antemão, condenado à mais lamentável esterilidade.

Mas, e é a segunda característica que apontei a esta obra de A. J. S., embora movendo-se predominantemente por meio de estímulos irracionais, A. J. S. sustenta a legitimidade dos seus sonhos, através de uma dada explicação dos factos históricos e da sociedade em que vivemos. Ideológica, essa explicação assenta em pressupostos que urge desmontar, para serem melhor entendidos. Depois de, no posfácio que antecede os restantes textos, percorrer rapidamente vários séculos de evolução social, o autor, chegado à contemporaneidade, ou seja, à fase monopolista do capitalismo, comete, sub-repticiamente, o escamoteamento-chave dos seus pontos de vista políticos — revelando não saber elevar-se à compreensão do escalonamento e dinâmica classistas da fase monopolista do capitalismo, conclui pelo desaparecimento de *razões* económicas e super-estruturais da distinção (e da luta) de classes. Apegado (?) a determinadas noções superficiais do capitalismo concurrencial, que maneja a bel-prazer, privilegia a condição de «*assalariado*» como definidora de proletário. Daqui a afirmar que «*uma vez que a maior parte dos burgueses são hoje assalariados, não se pode já definir a «burguesia» economicamente, pelo lugar que ocupa nas relações de produção. Hoje o burguês define-se pela mentalidade* —

O QUE É **cf** ?

... extraordinário e quase miraculoso.

"Mário Sacramento - DIÁRIO DE LISBOA"

... lugar singular, para não dizer único, no panorama do jornalismo português.

"Vida Mundial"

... Distingue-se pela sua juventude, vivacidade crítica e construtivo realismo.

"Seara Nova"

CONHEÇA **cf** comércio do funchal
uma presença de Jornalismo novo

à venda todos os Sábados na sua
tabacaria ou livraria

DISTRIBUIÇÃO PARA O CONTINENTE:

PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE - RUA LUCIANO CORDEIRO, 119 - LISBOA

OS ÚLTIMOS DIAS DE MUSSOLINI

Peter Whittle



DOCUMENTO
DE
TODOS
OS
TEMPOS

O DESTINO DE UM
DOS HOMENS QUE MAIS
CONTRIBUÍRAM
PARA CONFUNDIR O CAOS
COM A ORDEM

PREÇO 60\$00

LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 AMADORA

por aquela mentalidade contabilizadora e tecnológica que atrás tentámos descrever» é um pequeno passo, que se transpõe, alegremente. Logo, o operário é como a maior parte dos «outros» burgueses, um assalariado, e os burgueses-burgueses, como os operários, assalariados são. Logo, é tudo a mesma coisa, a meter no mesmo saco.

Todos passíveis das mesmas críticas, da mesma apreciação não-classista, que «esquece» coisas tão mesquinhas como os desgraçados fenómenos «ditos» materiais, para poder confortavelmente (arbitrariamente, delirantemente) perorar sobre *as pessoas* e a sua falta de *comunicação*. E «esquecer» em nome daquela assimilação precipitada (é o menos que se pode dizer...) entre assalariado e operário. Magistrat, habilíssima (?) pirueta, que «justifica» com amena simplicidade que o autor abandone considerações e juízos *políticos*, em que a impotência dos seus instrumentos de interpretação apareceria a toda a luz, e o seu álibi de boa-consciência intelectual burguesa se esfarelaria em migalhas. Vejamos: «*a verdadeira oposição não é entre Operário e Burguês, mas entre Proletário e Proprietário-Capitalista. Mas com a retirada deste último para uma ociosidade parasitária (que levará inevitavelmente ao seu desaparecimento) a oposição tende a tornar-se Capital (impessoal) e Assalariados. No termo do processo, os dois pólos opostos serão o Capital e a Gente, o Capital e os Homens, o Capital e a Vida (...). Essa é a verdadeira história, a questão essencial.*» Esta é, de facto, a questão essencial de *Maio e a crise da civilização burguesa*. Desenha-se uma versão de Capital separada das estruturas socio-políticas das sociedades (capitalistas) e da relação de forças inter-classista. O Capital é um inimigo público, um azar intervindo por lamentáveis razões técnicas (que não se analisam, ainda que numa perspectiva «técnica»...), que não se soube, infelizmente, prever a tempo, e agora oprime os homens, *todos* os homens. É um flagelo, como a poluição ou as drogas, um super-flagelo talvez, pela *quantidade* de prejuízo causado, mas qualitativamente não distinto de males tão conhecidos e gerais como o cancro ou o trânsito das grandes metrópoles.

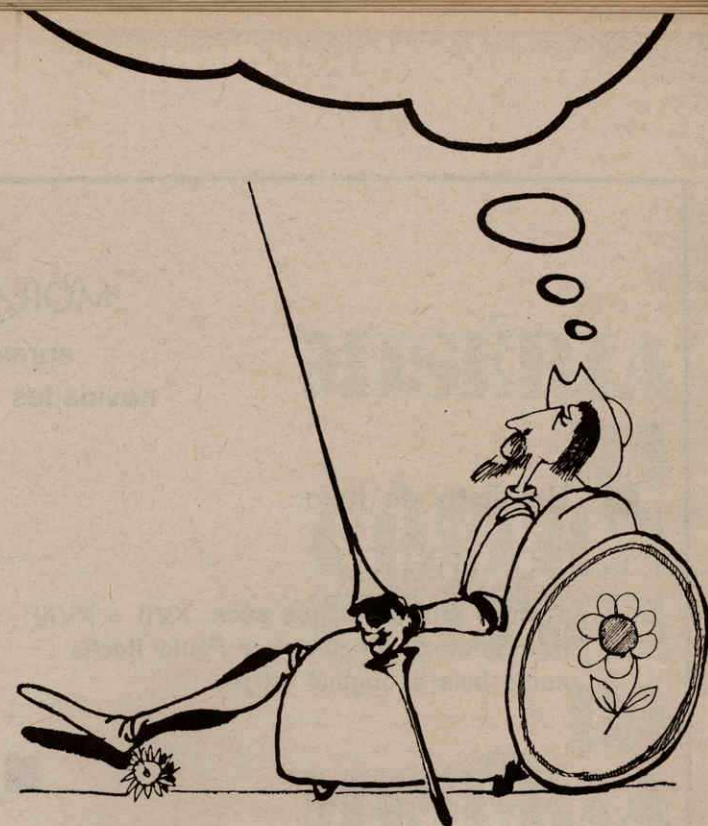
Do capitalista, melhor, do burguês-numa-sociedade-capitalista, não se fala — ele é um oprimido como toda a população, a qual se homogeneiza em conceitos do tipo de a Gente ou a Vida. A relação entre o Capital e o Capitalista é perfeita e rigorosamente eliminada, amputada à análise, que a ignora, a escorraça, a escamoteia com o ar mais natural deste mundo. Nem palavra para o papel do Capital na oposição produtores-apropriadores, na criação e modalidades das mais-valias, na dinâmica, sempre fluente, das atitudes de classes (até a nível super-estrutural, nomeadamente cultural, que tanto interessa A. J. S.), dos indivíduos e das próprias classes. Não — o Capital é uma excrecência de um tempo passado, no qual, de facto, *alguns* possuíam nas suas mãos avaras e herméticamente fechadas, as chaves das fábricas e dos bancos, e os *outros* mendigavam submissos uns miseráveis cobres com que pudessem enganar a fome. Agora já (quase) não há desses barrigudos e antipáticos *capitalistas*,

os únicos a que A. J. S. dá este nome, nele pejorativo mas arcaico e vazio como o epíteto *infiel* seria hoje na boca de um civilizado descendente dos Cruzados em relação a um adorador de Mafoma. Actualmente já não há «infiéis», apesar de existirem ainda Mafoma e adoradores seus — pois bem, também não haverá já capitalistas repletos, de charuto irritante a pender da boca farta, embora o Capital, esse teimoso, persista em sobreviver, não se compreende bem por e para quê, já que incomoda toda a gente...

A. J. S. não compreende, ou não quer compreender a localização da contradição fundamental, e o papel do Capital nessa contradição. Escamoteia gravemente fenómenos característicos do período actual e irreversível do capitalismo, o do capitalismo monopolista, como sejam o capitalismo de Estado, e as novas formas de apropriação privada, não necessariamente singular, assim como os mitos jurídicos e propagandistas que recobrem e apresentam essas formas. Endeusa, sem a explicitar convenientemente (podê-lo-ia?), uma categoria que nada adianta ou elucida, que não divide nem pode dividir, do ponto de vista das classes sociais — a de *assalariado*. *Se eu não possuo, em verdadeira e própria propriedade, os meios de produção com os quais trabalho e produzo, então não sou assalariado — sou proletário*. E para sacudir definitivamente velhos preconceitos que atribuíam à luta de classes uma função motora primacial na evolução histórica, A. J. S. não hesita perante a sua rejeição categórica, definitiva, tonitruante: «*Não há porventura nada tão evidente e indiscutível como esta teoria, [a teoria da luta de classes] excepto essa outra evidência de que o Sol anda à volta da terra*».

A dicotomia clássica burguês-proletário ultrapassada, porque todos burgueses (pela mentalidade) e todos proletários (porque «assalariados»), a luta de classes arrumada no museu da sociologia, se é que alguma vez chegou a explicar algo, A. J. S. respira aliviado. Já pode passar adiante descansado. Já pode falar na sua *comunicação* sem peso na consciência, sem que o possam acusar de não se interessar pelo «Homem», pela Gente, pela Vida... Recusando uma óptica científica, dialéctica, da história, A. J. S., para *poder* preocupar-se e preocupar-nos com a *comunicação*, «teve» que destruir primeiramente as bases dessa análise científica, que sem dúvida empecilhavam as suas divagações — por hábito, quanto mais não fosse. Aí reside a dupla fraqueza da sua construção: socorrendo-se de explicações como a da natureza e significado actual do Capital, que nada explicam, e de conceitos, como o de *assalariado*, anodinos para o efeito, vê-se obrigado, contudo a trilhar essa mesma via até ao fim, até à exaustão e à inconsequência clara e a expor-se assim à denúncia fácil do seu esquema, pretendidamente teórico ou não. Há quem queira explicar a realidade através do estudo dos sonhos; A. J. S. tentou, pelo contrário legitimar os seus sonhos por intermédio de uma «certa» versão da realidade. Porque é que A. J. S. tem tão pouca confiança nos seus sonhos, e não os deixa serem isso só?

E finalmente o terceiro aspecto dos que citei como caracterizando particularmente este livro. O mais pe-



noso, também. Trata-se de elementares e inesperáveis inexactidões em que A. J. S. incorre, no afã de «lançar» as suas propostas. Prova de que sonhar, afinal, talvez não seja tão inofensivo como isso. Transportado certamente pelo delírio das suas visões, A. J. S. chega a produzir afirmações tão indefensáveis como que a política internacional de De Gaulle (ele também um «*marginal*», segundo A. J. S. — decididamente é uma mania!) foi «*absolutamente oposta aos interesses e à solidariedade da burguesia internacional, que só «falsificando os factos» se pode sustentar «que a universidade francesa é uma instituição burguesa, quando é evidente que as suas dificuldades resultam justamente da sua desadaptação à sociedade do negócio e da empresa*», e ainda que «*a expansão irresistível do Cristianismo primitivo (...) se situava (...) à margem de toda a problemática política, social e científica*». E não consegue mesmo furtar-se a dissertações de um ridículo doloroso, como a que se segue: «*A Idade Média é uma época em que as relações de produção são assim e assado, é bem verdade. Mas é também um tempo em que o cavalo tem um papel capital, não só como meio de transporte, mas como objecto vivo de relações e de afectividade. O facto de uma parte da população medieval ter um contacto cotidiano com o cavalo não interessa só do ponto de vista da relação do homem com o espaço geográfico mas também do ponto de vista do seu equilíbrio afectivo. Os historiadores de hoje não se dão conta disto, até porque não montam a cavalo. Uma parte da experiência do passado perdeu-se. O progresso é também um empobrecimento*».

Decididamente, a marginalidade não compensa.

sebastião lima rego